

A CHAVE NO ESCURO

PEDRO

José Márcio Penido

5º Ano — Faculdade de Direito

O calor ocupou a noite e não posso abrir a janela por causa dos pernilongos. Como já superei a fase de olhar os vazios e preenchê-los mentalmente, abstenho-me de sair do quarto e vagar pelos cômodos ociosos desta casa.

Tiro agora o paletó de pijama porque é apenas um paletó de pijama e ineficaz como couraça. A noite, embora estancada pela janela, penetrou e me vara, sinto urgência de luz. Meu quarto compõe-se de cama, cadeira, mesa e abajur. Ligo. É côr de pele humana e eu invariavelmente o associo aos que Hitler mandou fazer. Venho aqui só para dormir. Abro a porta da rua e tateio pela sala, pela copa, pelo corredor, até chegar ao meu quarto. Visto o pijama no escuro e me deito sem pensar; raramente preciso de luz.

A casa está nua depois que a despi dos móveis e quadros, já não tendo a quem desnudar. Tirei as lâmpadas dos bocais e quebrei-as. Da talha fiz depósito de lixo. Desliguei a água e as plantas da varanda morrem de sede. Há cêrca de três noites arranquei os tacos do assoalho. Ficaram empilhados perto da porta, dando a impressão de que a casa está em construção e não em ruína.

Agora estou nu, mas sinto necessidade de continuar me despojando. Olho meu corpo descoberto. Sou homem porque assim me visto e como tal procedo. O que se chama de

masculinidade já não tenho, pelo menos no sentido que lhe atribuem. Enquanto macho não me domava, dei origem a tudo: um dia gerei. Ao ser pai, perdi minha mulher, e uma coisa não substituiu outra, ou sequer supriu, porque o filho também se perdeu.

A partir daí desprezei o sexo. Isto agora é apenas uma parte do corpo, inútil como as amígdalas ou o apêndice, que extirpamos quando doem. Uma peça de roupa com que se nasce, mas meramente uma peça e preciso estar nu.

As pessoas tentaram o consôlo. Queriam me obrigar a recomeçar a vida, mas como, uma vida não se recomeça. Uma vida é. Por isso eu me basto, sôzinho em meu quarto eu me acho e continuo me fazendo, não me refaço, como êles dizem, porque continuo integral, não me interrompi nem me parti. Prossigo.

Meus livros eu os depenei um a um. Fazia montinhos com as páginas arrancadas e queimava num canto do quarto. Como não tenho vassoura, diàriamente esfarinho cinzas com os pés.

Tentei deitar-me agora mas foi inútil. Ouvia as baratas escorrendo sôbre as cinzas do chão. A parte da cama que não ocupo saltava por cima de mim, suei, o próprio ar se devorou, levantei-me pegajoso.

Em noites assim costumo beber. Ajo por espírito de imitação, bem sei, mas desconheço outra forma de anestesiar-me. Mas sou objetivo: tomo álcool puro. E sôzinho. Evitando os rodeios de botequim e as companhias insossas eu apresso os efeitos. Últimamente, porém, venho sentindo dôres horríveis. Deito-me socando a barriga com as mãos. É o preço do sono.

Esta noite não tenho a bebida. Esta ausência se entranha na atmosfera, estou quase a gritar de calor e de mim, não me contenho e escancaro a janela.

Os pernilongos que entram não deslocam ar: nenhum vento, nenhuma brisa. Sinto-me humilhado pelo gesto inútil de abrir a janela, mas fechá-la seria reconhecê-lo. Doravante não terei mais desejos, não hei de querer nada, mas isso já é

querer alguma coisa, pois bem, eu não quero mais querer, mas isso também.

Tinha me prometido não fraquejar, esta mesa já foi muito azeitada. Tento enxugar os dedos e os olhos, mas perto das mãos não há panos. Esfrego-as na coxa molhada de suor e mais se ensopam. Vejo que me esvaio, tenho medo, dou um pulo da cadeira e me enxugo com o pijama.

Atiro longe as duas peças e percebo que tombam sôbre a carcaça de minha máquina de escrever. Eu a destruí parcialmente, várias noites seguidas. Tecla por tecla, número por número, consoante por consoante, vogal por vogal. Atirava-as pela janela e quando chegou a vez da pontuação as meninas do vizinho deixaram de catá-las e brincaram de formar palavras.

Agora estou calmo novamente, com a certeza de que a morte se exigiu. Venci desta vez mas tenho pavor dessas horas, receio descontrolar-me, moro numa avenida veloz. Enquanto dono de mim não penso em suicídio. A morte não me atrai, é cêdo. Meus sentimentos não me espremeram o bastante, tenho defesas ainda, como os dentes, que conservo para calcá-los nos lábios em momentos insuportáveis. É quase só o que trincam. Ossos diàriamente despontam em meu corpo.

Meu quarto não oferece armas de auto-extermínio. Num de meus repentes eu poderia criá-las, sem dúvida, mas sua indústria seria menos breve que o repente. A morte está, isso sim, na avenida, e a distância que a separa daqui é inferior à duração de uma crise. Confio poder esfriar-me no percurso, mas como medida de cautela escondo a chave da porta cada vez que entro em casa. No escuro é impossível achá-la. Por duas vêzes procurei-a louco entre os cacos das lâmpadas, lanhando depois e esmurrando inútilmente a porta.

A noite envelheceu e o sol não tarda. É tempo de vagar pelas ruas até a noite. Quando voltarei.

Só espero que o dia clareie para eu poder encontrar a chave.